

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

ISAÍAS MENDES PEREIRA

**Samuel Rawet: A construção da paisagem suburbana no conto “Salmo
151”**

**BRASÍLIA
2018**

Isaías Mendes Pereira

**Samuel Rawet: A construção da paisagem suburbana no conto “Salmo
151”**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade de Brasília como requisito
parcial para a obtenção do título de Licenciado
em Letras Português

Orientadora: Maria Isabel Edom Pires

**BRASÍLIA
2018**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a construção do espaço no conto “Salmo 151”, de Samuel Rawet, por meio da análise de subcategorias específicas associadas ao espaço, tais como espaço social, ambientação, espaço sensorial, paisagem, com base nas teorias desenvolvidas por Lins (1976), Brandão (2013) e Azara (2015). Estuda-se o léxico empregado no texto com a finalidade de compreender a criação de uma paisagem sensível e a relação personagem-espaço que surge a partir do ponto de vista adotado. Os questionamentos a serem abordados são: Como é possível que um espaço surja por conta de um personagem que perdeu a visão? Quais significações dessa visão para a constituição de um espaço suburbano? O que é a paisagem suburbana?

Palavras-chave: 1. Espaço. 2. Construção. 3. Sentidos. 4. Conto

INTRODUÇÃO

“Salmo 151” é uma das narrativas da coletânea *Contos do imigrante* que apresenta a marginalização, isolamento e luta dos migrantes em geral. O livro, publicado em 1956, apresenta uma linguagem concisa e objetiva por meio da qual são apresentados os personagens estrangeiros e marginalizados em um mundo pós-guerras e de modernização das cidades. Samuel Rawet nasceu na Polônia em 1929. Era contista, ensaísta, dramaturgo e engenheiro. Veio para o Brasil em 1936 e teve contato direto com o subúrbio do Rio de Janeiro, local onde se passa o conto analisado nesta pesquisa dentre outros da mesma obra. O conto mostra a situação de dois personagens que vivem as dificuldades da vida no subúrbio à época de avanços modernizadores na cidade. Caetano, um dos personagens, foi afastado do trabalho por problemas de saúde em geral e pela falta de visão em particular. Seu emprego consistia em colocar os trilhos nos quais os bondes andariam. Gamaliel está desempregado, é casado e seu único filho que ainda não completara um ano está doente, o que o faz correr de hospital em hospital em busca da cura. Seu único amparo é a Bíblia que vive a ler para Caetano, proclamando os versículos do Salmo 151, sempre interrompido pela fala do interlocutor que é descrente. A construção do espaço no conto é apresentada pelo narrador e particularmente por meio do personagem velho, cego e doente. Tudo que indica o espaço à sua volta é produzido por meio de seus sentidos (tato, olfato e audição). Busca-se aqui observar e estudar como essa topografia particular foi criada.

Segundo Brandão (2013), a história da teoria do espaço estuda, através de um viés diacrônico, as formas de representação, levando em consideração duas perspectivas. A primeira é relacionada à forma como o espaço foi representado fisicamente, e como houve modificações na teoria do espaço como categoria da narrativa, que passaram a incluir questões de outras áreas do conhecimento. A segunda perspectiva é direcionada ao espaço como conceito, como forma de estudo de caráter epistemológico que possui natureza científica, filosófica ou artística. Para o autor (2013, 50-51), o conceito de espaço nos estudos literários não aparece nas obras de referência até o final dos anos 1960. O que aparece é, em geral, o emprego de expressões

derivadas, como “espaço social“, “espaço psicológico“, entre outros. O próprio Osman Lins, ensaísta e teórico importante para os estudos do espaço mais do que explorar o conceito por si, associa-o ao problema do ponto de vista narrativo. Nos estudos literários, Brandão distingue quatro formas de abordar o espaço, quais sejam, o da representação do espaço; o espaço como forma de estruturação textual; o espaço como focalização; e o espaço da linguagem (2013, 23). Nesse trabalho, observa-se: a representação do “espaço social“, entendido como “conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica“, e do “espaço urbano“, vertente atual dessa tendência de representação; bem como o espaço como “focalização” (p. 62), estudo do qual se pode extrair que “a visão, entendida mais ou menos literalmente, mais ou menos próxima de um modelo perceptivo, é tida como faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; e espaço vidente, perceptivo, conceptor, configurador” (2013, 63). Do estudo de Lins (1976) estudam-se alguns aspectos da ambientação, entendida como construção de uma noção de ambiente por meio dos recursos expressivos do autor. E do estudo de Azara, destaca-se a noção de paisagem sensível, entendida como a relação entre a paisagem e personagem (ns).

A hipótese levantada neste trabalho é de que o narrador constrói uma paisagem suburbana reunindo elementos do espaço urbano com a visão percebida e perceptiva dos personagens que convivem naquele meio.

A teoria do espaço como paisagem trabalha a percepção do espaço sensível, como tato e visão, e as demais formas que os sentidos humanos possibilitam alcançar. Dessa forma, um ponto de partida é pensar como a história do espaço visa a construção do ambiente por meio do corpo humano. Brandão, ao apresentar uma história do espaço, distingue duas perspectivas, sendo a primeira:

“uma “história do espaço” – ou seja, o registro das modificações que envolvem tal categoria no decorrer de determinado período – seja constituída por meio do levantamento das diferentes formas de percepção espacial, as quais incluem tanto os sentidos do corpo humano quanto os sistemas tecnológicos, rudimentares ou complexos, de observação, mensuração e representação. (BRANDÃO, 2013, p.18)

Existem variantes que influenciam na formação do espaço no conto “Salmo 151” que podem ser observados com base na teoria do espaço, especialmente a que trata da paisagem sensível. A obra é narrada em terceira pessoa e faz uso do discurso direto e dos discursos indireto e indireto livre, o que permite mostrar a visão do Rio de Janeiro pela perspectiva de um velho operário e de um jovem negro muito religioso.

Questiona-se nesse trabalho como o espaço do conto foi construído, quais os significados dados às representações de uma cidade que é conhecida como maravilhosa, mas que, para os personagens do conto, se mostra tão distante do centro, das ruas pavimentadas e das belezas que se destacavam na cidade naquele período.

Por meio da teoria do espaço literário, será possível perceber que o meio em que vivem as personagens conta muito sobre quem são e sobre como se comportam os personagens diante de dificuldades

O conto apresenta um pouco dos acontecimentos do Rio de Janeiro antes da publicação da obra. Sobre o passado, somos informados por meio dos personagens. Com Caetano, ficamos sabendo das linhas férreas, dos contornos da cidade e de parte de sua construção naquele período; com Gamaliel, de uma greve em um período que remete ao Estado sob o comando de Getúlio Vargas e do presente às voltas com a doença do filho e das adversidades em casa e nos hospitais e clínicas percorridos.

Durante o desenvolvimento do conto, um Salmo da Bíblia é lido por um personagem no intuito de familiarizar o outro às escrituras, uma ação que poderia justificar a escolha do título. Ironicamente, em um momento de desespero, o personagem perde a fé e vai buscar consolo junto ao velho descrente.

A paisagem suburbana é aqui entendida como a reunião entre a paisagem sensível expressa pelo morador do subúrbio em contraste com a contextualização histórica e social de um centro urbano.

DESENVOLVIMENTO

Uma parte do espaço criado no conto “Salmo 151” é percebido através do personagem Caetano, um senhor que ficou cego com a idade e vive seus dias a tocar seu violão. O subúrbio em que mora possui algumas características que são apontadas ao leitor por meio dos sentidos do personagem. A sensibilidade auditiva, olfativa e tátil demonstra como se compõe o ambiente em que ele vive. Ao longo do conto, o personagem Gamaliel que interage com o velho Caetano, participa da construção do espaço com a visão, mas diretamente ligada às ações do outro.

A formação do espaço segundo Caetano pode ser percebida em trechos como o que segue:

Na pausa ouvia-lhe a respiração perturbada por algum cacarejar ou latido, ou ainda um grito longo que descia do morro, grito de moleque soltando pipa. Nesses intervalos, quando um calor de sol se pondo aquecia-lhe o corpo, gostava de ouvir o canto da serra circular, de um madeireiro próximo. Gemido sem dor. Queixume. Lamento sem revolta. E quando o vento era favorável, vinha-lhe de vez em quando o cheiro dos troncos verdes, ou da resina esvaindo-se dos lenhos, fazendo-o esquecer os anos da respiração sufocante, dos acessos de tosse, produto das chaminés e das valas do curtume. O fedor dos poços, dos tanques um agitar de asas agourentas. (RAWET, 2004, p. 69)

São notáveis algumas descrições do ambiente no qual os personagens interagem, identificáveis pelos sentidos. A respiração possui pausas, pois existem cachorros, galinhas, e crianças soltando pipa na rua. O grito ouvido por Caetano tem uma acústica diferente, pois é identificado como “descendo” o morro. O tato corrobora para que seja captada pelo leitor uma situação de fim de tarde, pois o calor indica que o sol se põe. O local não é totalmente povoado, porquanto ainda existe mata para que os troncos verdes e as resinas tenham seus cheiros sentidos por Caetano. A cena apresenta uma clara movimentação, como se fosse possível ao leitor estar ao lado dos personagens

imaginando e percebendo o que se passa ao redor, seja pelo cacarejar das galinhas, pelos latidos dos cachorros, pelos gritos das crianças, pelo canto das serras, pelo calor do sol, ou pelos cheiros trazidos pelo vento.

A cena acima transcrita é o momento em que Gamaliel chega para conversar com Caetano que, por mais uma tarde, está em seu banco enquanto “um dedo fere o violão” (Rawet, 2004, p.68). A conversa, mais para dois monólogos, consistia em um deles recitar versos do salmo e o outro contar histórias antigas. Segundo Brandão (2014), é estimulante pensar a literatura contemporânea e o modo como ela se configura espacialmente em termos conceituais e sensoriais. Ele também afirma que a palavra tem a capacidade de demonstrar os sentidos humanos:

[...] a linguagem é espacial porque é composta de signos que possuem materialidade. A palavra é uma manifestação sensível, cuja concretude se demonstra na capacidade de afetar os sentidos humanos, o que justifica que se fale da visualidade, da sonoridade, da dimensão tátil do signo verbal.” (BRANDÃO, 2007, p.212)

No momento em que Gamaliel chega próximo ao velho “pelo arrastar da cadeira sabia para onde dirigir sua atenção” (Rawet, 2004, p. 68), é perceptível o sentido auditivo para a composição da cena. Nesse momento, o espaço por ser entendido como dinâmico, pois pode não apresentar a visão ou tato, reconhecido como elos instáveis, é compreendido por meio de outros sentidos para identificar o movimento no espaço:

Os personagens de Samuel Rawet penetram na cidade de forma intensiva e são afetados por tudo aquilo que veem. Dessa forma, a paisagem não se conforma como mero cenário para o desenrolar dos fatos, mas atravessa os personagens, afeta-os, implica a possibilidade da formulação de uma espécie de “sensação-paisagem”, uma vez que se trata de um encontro (sensível), pré-reflexivo entre o sujeito e o espaço, muito mais do que uma relação pautada pelo entendimento, pela apreensão intelectual. (AZARA, 2015, p.32)

Os personagens no contexto geral de criação de Rawet demonstram que o espaço os afeta. Caetano é um dos mais significativos personagens dentre eles, pois, por não possuir a visão, é ainda mais influenciado pelas sensações de paisagem que capta ao seu redor. A “sensação-paisagem” implica as possibilidades de conhecimento do que está estritamente presente por conta dos sentidos que acompanham a construção da cena. Em “Salmo 151” até mesmo a movimentação de uma simples cadeira é tratada de modo singular, pois, novamente, a audição auxilia o idoso a reconhecer um banco próximo a ele, e assim, o leitor também tem contato com a percepção do espaço que está sendo narrado.

O autor tem a condição de detentor de “tocaias” (Dimas, 1994, p.10) que são perceptíveis ou não aos leitores. Eles (os autores) têm a responsabilidade de desvendar, ou não, armadilhas para seus leitores. Segundo Dimas (1994), há várias armadilhas virtuais em um texto, o *espaço* pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa, tais como foco narrativo, personagem, tempo e estrutura.

A descrição do espaço no “Salmo 151” marca qual a condição dos personagens, quem são e como estão localizados como moradores daquele local. Gamaliel, por ter esposa, filho ainda bebê, e por tratar sempre o amigo como alguém mais velho, pode ser considerado o personagem mais jovem. Segundo Osman Lins, existe uma ambientação dissimulada ou oblíqua na qual os “atos da personagem [...] vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios gestos” (Lins, 83-4). Lins afirma que essa forma de ambientação é mais difícil de ser percebida pois possui uma carga de significados muitas vezes insuspeitos. Samuel Rawet trabalha muito bem esse modo de ambientação no conto notadamente nos momentos de encontro entre Caetano e Gamaliel. A ocasião em que o protagonista surge na narrativa é para mais uma conversa, não muito longa. Dimas assim define a ambientação:

[...] o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa. (DIMAS, 1994, p.20)

A criação feita pelo escritor, à da representação do subúrbio, pode ser entendida a partir da sua própria experiência no subúrbio. Contudo, não se deve apenas ater-se a um aspecto da biografia do escritor, mas à história que as periferias da cidade denotam, e que pela atualidade ainda o fazem na literatura. Um entendimento necessário é perceber que o espaço é denotado e a ambientação conotada. Dimas, ao analisar a categoria espaço na narrativa brasileira, explica:

[...] no centro ou núcleo está a figura do senhor e patriarca, junto com os que habitam a casa-grande. Na nebulosa ou periferia, a bem dizer, todos os restantes. Precisando mais: na nebulosa circulam o índio, o sertanejo, o jagunço, o gaúcho e o negro. Ou seja: nela alinhamos categorias étnicas (o negro e o índio) e sociais (o jagunço, o sertanejo e o gaúcho), aglutináveis na medida em que não figuram no núcleo, sendo subjugados na base de uma relação de dominação, hierárquica. (DIMAS, 1994, p.18)

A categoria étnica é representada no conto por intermédio do personagem negro e a categoria social por ambos os personagens, o negro e o velho, pobres que estão afastados do centro ao qual têm acesso somente por meio do trabalho. Caetano trabalhou nas linhas férreas da cidade, e Gamaliel trabalhava em uma fundição da cidade. Igualmente, não ocupavam posição privilegiada em seus empregos ou mesmo na sociedade, portanto, ambos tiveram o mesmo destino: o subúrbio. Volta-se assim à questão das variantes para construção do espaço, no caso aqui o “espaço social” como representação das condições sociais, políticas e econômicas, impossibilitando a visão desses personagens em lugar diferente do subúrbio.

Pode-se ainda notar no conto modos de formação da paisagem do subúrbio e o trabalho do escritor que parece aproximar o leitor ainda mais da obra, com a construção do cenário em que tudo ocorre. Segundo Azara:

A concepção clássica de paisagem pressupõe um panorama natural que, geralmente, é descoberto desde uma elevação que permitiria que o espectador pudesse ter uma visão sobre o território, obtém-se dessa informação a capacidade da obra trazer

ao leitor a possibilidade de conhecimento sobre o território que a cena se passa. (AZARA, 2015, p.28)

Os momentos de familiarização são importantes porque fazem o leitor entender onde tudo acontece, e o narrador nos mostra uma diferenciação do que a tradição filosófica apresentava como modelo. Samuel Rawet traz para a literatura uma união entre paisagem e corpo, paisagem e pensamento que só uma escrita intensiva como a dele é capaz de fazer. A tentativa de rompimento dos limites de representação do espaço urbano é bem-sucedida, visto que a paisagem sensível é algo que é pouco abordado, e, como afirma Lins (1976, p.77), mais difícil de ser entendida.

O ambiente no conto é, então, apresentado de modo singular. Durante os momentos de visita de Gamaliel, surgem elementos que possuem uma significação para a obra e para o contexto, em que estão alocados os personagens da história.

O narrador apresenta a experiência dos personagens e exprime as notações espaciais segundo os sentidos, destacando as valas, os animais, os morros, as crianças, a falta de saneamento básico e o asfaltamento das ruas, construindo, assim, o que sugerimos como a paisagem suburbana. Hoje, os estudos literários focados em uma representação urbana como essa são uma constante:

Isso ocorre sobretudo nas tendências naturalizantes, as quais atribuem ao espaço características físicas, concretas (aqui se entende espaço como “cenário”, ou seja, lugares de pertencimento e/ou trânsito dos sujeitos ficcionais e recurso de contextualização da ação) [...] Nos Estudos Literários contemporâneos, a vertente mais difundida dessa tendência é, possivelmente, a que aborda a representação do “espaço urbano” no texto literário. Outra vertente bastante significativa é a que, com maior ou menor afinidade com os Estudos Culturais, utiliza um léxico espacial que inclui termos como margem, território, rede fronteira, passagem, cartografia [...] (BRANDÃO, 2014, p. 208)

A questão da topografia e da arquitetura do espaço, habitado por ambos os personagens, é intensificada pela relação espaço-personagem. Caetano, ao

esperar comentários da filha, se encontrava “triste” no banco durante as tardes comuns e passava os dias alternados entre vigílias e sonos. Novamente, temos acesso ao calor que atinge as pálpebras do velho, do mesmo modo que surgem os sons e odores construindo novos sentidos. É possível lê-los no instante em que o narrador conta algumas das vivências de Caetano:

Um calor nas pálpebras dava-lhe sensações de céu azul, reminiscências de nuvens esgarçadas, que um pio de ave amontoava em flocos brancos. Amava então os ruídos, e distraía-se em individualizá-los. Localizava-os numa topografia particular, partindo dos sons planos, ascendentes ou descendentes. E tinha o morro, a ladeira, as esquinas e os quintais. [...] Saía um pouco da sonolência quando cessavam as pancadas de chuva nas telhas, e distinguia a vazão acelerada das valas, e o chiado de cascatas repentinas em alguma ribanceira. Um odor intenso de tabatinga.

As expressões apontadas pelo narrador, mais uma vez, demonstram o ambiente em que Caetano vive, e o quanto foi moldado segundo seus sentidos. A “topografia particular” no conto, descrita como “topografia dos ruídos”, possibilita ao leitor a distinção quanto aos desníveis e irregularidades do relevo do subúrbio em que vivem as personagens. Caetano é capaz de individualizar cada ruído e por intermédio deles mostrar ao leitor as noções de altura, intensidade, distância e angulação. O narrador trabalha o espaço como focalização destacando as faculdades espaciais com base no espaço percebido e no espaço perceptório.

Não menos importante para esse trabalho é o poder que as palavras têm para o processo de criação da obra, e o quanto elas tornam possível enxergarmos as etapas em que Rawet molda a história de dois homens diferentes, em idades e pensamentos, para expor as dificuldades da vida no subúrbio. Do artigo de Brandão é possível destacar que:

A palavra é uma manifestação sensível, cuja concretude se demonstra na capacidade de afetar os sentidos humanos, o que justifica que se fale da visualidade, da sonoridade, da dimensão tátil do signo verbal. (BRANDÃO, 2014, p. 212)

Em relação ao espaço urbano do subúrbio, pode-se constatar que é, de certo modo, aquilo que resta, ou sobra da sociedade àqueles que não recebem algo melhor das grandes cidades. Caetano é um velho que não possui a visão, estando impossibilitado de exercer quaisquer funções de trabalho as quais se dedicou boa parte da vida; e Gamaliel está em casa, afastado do emprego por conta da greve levantada por seus companheiros de trabalho, com filho pequeno (que adoece no decorrer do conto, e morre ao final), e a esposa. Porém, todos esses momentos de dificuldades, enfrentadas pelo negro, são “esquecidos” nas conversas de fim de tarde com o velho Caetano.

Os espaços físicos que rondam as personagens na maioria das vezes os vemos por meio de Caetano. Não sabemos, porém, das vidas que vão além dos quatro personagens do conto. Lígia, mulher de Gamaliel, mãe do pequeno Isaías, nos é apresentada pela audição de Caetano, ou mesmo do próprio narrador-observador, que, por intermédio do seu pranto (dela) desenha parte da casa do negro. Os trechos “No quarto ao lado, Lígia dobrada sobre o berço de Isaías, chorava, às escondidas...” e “Um soluço de Lígia atravessa o quarto e chega à sala.” (RAWET, 2004, p.71), representam bem o que vem sendo exposto como construção da paisagem sensível.

O título do conto faz referência à religião por meio do salmo 151, claramente proclamado por Gamaliel, homem de fé, que tentava converter o vizinho. No final do conto há uma inversão de sentido no momento em que o próprio Gamaliel duvida da sua fé. O salmo 151 quando procurado na Bíblia de católicos romanos, protestantes, ou judeus, não pode ser encontrado, pois para esses grupos o Salmo é apócrifo, o que a comunidade cristã não reconhece como escrito por pessoas direcionadas por Deus. Na bíblia grega existe o salmo, mas é constituído de uma poesia de tempos pré-cristãos. Alguns livros que são considerados canônicos pelos católicos, são considerados apócrifos pelos judeus por ter origem duvidosa. Duvidosa também era a crença do velho Caetano, pois sua filha dizia que ele era um “velho sem religião”. O fim do conto deixa claro que Caetano gostava de ter momentos em que Gamaliel lia, e conversava sobre a Bíblia, mas agora ele pedia para que o negro repetisse aquilo em que acreditava, para que, talvez, pudesse confortar seu coração na dificuldade da perda de um filho.

O conto abarca alguns acontecimentos entre os anos 20 e 40 do século XX. Caetano trabalhava nas colocações de trilhos das linhas férreas na cidade do Rio de Janeiro. Alguns momentos deixam claro as suas lembranças de como eram os lugares que recebiam esse tipo de serviço. As linhas de bonde foram de grande importância para a cidade do Rio de Janeiro, desde sua inauguração em 1856 e expansão na passagem do século XIX para o século XX. O personagem participou dessa etapa de construção da cidade e por ele intuímos que muitas dessas linhas férreas foram terminadas antes do conjunto urbano de prédios, casas e ruas. A lembrança do velho demonstra que onde ele reside era diferente anos antes, como pode ser observado no trecho destacado:

Não sei se em 1927, ou 28, eu trabalhava na colocação dos trilhos de bonde, que naquela época terminavam bem antes do bairro. Isso aqui era mato fechado, nem picada. A estação, uma pracinha suja, porca. Minha filha deve se lembrar. Morava perto do lugar onde botaram agora o curtume. (RAWET, 2004, p.70)

No mesmo período, Gamaliel passava por problemas atrelados ao Estado Novo instituído por Vargas que previa aumento significativo da jornada de trabalho. Ainda que a imposição de um governo ditatorial estivesse ocorrendo ao mesmo tempo que a 2ª Guerra Mundial, as greves dos trabalhadores do Rio foram uma constante, pois não havia concordância acerca das mudanças que seriam geradas pelas determinações do governo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto de Samuel Rawet aqui apresentado, ao utilizar referências significativas sobre espaço, ambientação e paisagem, pode ser lido, como se procurou demonstrar, por meio da integração entre o contexto histórico fornecido pela interação entre os personagens e a paisagem sensível por intermédio do personagem Caetano e pelo narrador. O espaço, além de estar associado ao ponto de vista narrativo também se configura como a conjuntura social dada tanto pelas lembranças do velho como pelas condições do local.

Gamaliel, depois do desemprego, também tem apenas o subúrbio como opção. É o lugar que se mostra como última opção para o desfavorecido. Nele, não há um sistema de saúde de qualidade ou um amparo social ao operário que construiu o Rio, participou de obras na cidade e que acaba cego e doente em decorrência da insalubridade.

O espaço urbano é representado na obra de Rawet por meio desse recorte: o subúrbio. Ali não aparecem as construções grandiosas nem os lugares centrais, mas a margem, as ruas sem asfalto, os morros, os casebres. Esse recorte é igualmente uma escolha de Rawet para outros contos do livro. É nele que vive, por exemplo, a personagem Ida do conto “A prece”.

O narrador também emprega a descrição sensível, propiciando ao leitor esse contato com o ambiente, capaz de surpreender pela preocupação e riqueza de detalhes que, mesmo simples, deixam transparecer o que ocorre em lugar fora do centro da cidade maravilhosa. Seja no olhar que Gamaliel lança da Bíblia para a janela, seja na “asa cinzenta que risca o espaço na direção do pombal” (Rawet, p. 68), seja nos “dedos que alisam a capa de percalina do livro” (p. 70), seja na linha do salto do gato para o muro, seja no jorro surdo que sobe ao estômago do velho, seja na figura de Gamaliel “projetada num muro imenso, alto, opaco, os braços erguidos, mas sem seu corpo, bradando seu nome, mas já em outra dimensão” (p. 72), a composição narrativa desalinha-se em metáforas e sinestésias para desenhar o evento central do conto.

As dificuldades, encaradas por ambos os personagens, demonstram como o menos favorecido enfrenta a vida que lhe é imposta. Eles têm um ao outro e, entre eles, a religião de um e as histórias do outro marcam o duro cotidiano do subúrbio.

Dessa forma, conclui-se que a construção do espaço no conto “Salmo 151” exige a observação dos aspectos do contexto histórico e social, dadas pelas experiências de vida de ambos os personagens, como foi demonstrado acima. Ao ambientar o conto no subúrbio, o narrador lança um olhar para os menos favorecidos, como o faz em relação aos imigrantes judeus. Ao escolher um personagem cego para dialogar com Gamaliel, o narrador amplia a noção de paisagem, representando-a por meio dos outros sentidos.

Com a junção desses dois aspectos, o contexto e as referências espaciais, entendemos que se desenha para o leitor uma paisagem suburbana, à margem das grandes cidades sem os mesmos direitos para os que ajudaram a construí-las. A pavimentação, a tecnologia, o amparo social, ou mesmo as condições básicas demoram a chegar até lá, pois a formulação deste não é pensada ou projetada, mas construída segundo necessidades daqueles que precisam de apenas um lugar para morar.

Por isso, é tão importante o recorte espacial escolhido por Rawet e o ponto de vista adotado. Ele traz ao centro da narrativa a história de dois homens a quem a sociedade relega a periferia. Entre as percepções sensoriais de Caetano e as referências às condições dos personagens desenha-se uma paisagem suburbana que, mais do que afastá-los por conta da religião, aproxima-os pela partilha do espaço em momento de aflição e desespero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZARA, Michel Mingote Ferreira de. **Paisagem sensível: Percepção do espaço urbano na obra de Samuel Rawet**. In: Em tese, Belo Horizonte, set-dez, v.21, 2015.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teoria do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte, 2013.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Espaço literário e suas expansões**. In: Aletria: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, ano 15, p. 207-218, 2007.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1994.

RAWET, Samuel. **Contos e novelas reunidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

RIO DE JANEIRO. Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. **O transporte ferroviária no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2007.

VIEIRA, Lira Córdova. **A performance nos Salmos: dança dos corpos nos textos**. Belo Horizonte, 2011. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP->

[8FTNFE/disserta_o_lira_c_rdova_imprimir.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8FTNFE/disserta_o_lira_c_rdova_imprimir.pdf?sequence=1) . Acesso em: 16 jul. 2018.